

## Da relevância do nó fonologia na morfologia relacional: evidências do português

### The relevance of the phonological node in relational morphology: evidence from Portuguese

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves\*

**RESUMO:** neste artigo, além de apresentar um novo modelo de orientação construcionista, pretendemos demonstrar a relevância do nó FONOLOGIA em processos morfológicos do português, como a alternância vocálica ('form[o]so'/'form[ɔ]sa'), a mudança de acento como sinalizador de classe ('fábrica'/'fabrica') e a epêntese consonantal entre base e sufixo ('cafezal', 'movediço'). Nossa meta é divulgar esse modelo, surgido da parceria entre um eminente linguista, Ray Jackendoff, e uma importante morfóloga na atualidade, Jenny Audring. Mais do que isso, trazemos evidências do português para o modelo, ao destacarmos que os nós existentes nas construções linguísticas são relacionados, mas independentes, e constatarmos a importância da relação entre esquemas irmãos.

**PALAVRAS-CHAVE:** morfologia; morfologia relacional; fonologia; interface.

**ABSTRACT:** in this paper, besides presenting a new constructionist-oriented model, we intend to demonstrate the relevance of the PHONOLOGY node in morphological processes of Portuguese, such as vowel alternation ('form[o]so'/'form[ɔ]sa'), accent shift as a class signal ('fábrica'/'fabrica'), and consonantal epenthesis between base and suffix ('cafezal', 'movediço'). Our goal is to disseminate this model, born out of the partnership between an eminent linguist, Ray Jackendoff, and an important morphologist nowadays, Jenny Audring. More than that, we bring evidence from Portuguese to this model, by highlighting that nodes in linguistic constructions are related but independent, and by noting the importance of the relationship between brother schemas.

**KEYWORDS:** morphology; relational morphology; phonology; interface.

*Parentesco é a relação que vincula não só pessoas por descendência uma das outras ou de um só tronco, mas também os parentes do cônjuge e entre adotante e adotado. (Constituição Federal)*

---

\* Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professor do PPGLEV da UFRJ, pesquisador-bolsista de produtividade do CNPq, nível 1C, líder do NEMP (Núcleo de Estudos Morfológicos do Português), carlosgoncalves@letras.ufrj.br, ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3672-3852>.

## **1 Considerações iniciais**

Neste artigo, temos o propósito de elencar as principais ideias de um novo modelo construcionista para o tratamento de questões morfológicas, a chamada Morfologia Relacional (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 2018, 2020). Embora esse quadro teórico seja bem mais audacioso, por pretender dar conta de fenômenos sintáticos, como a ordem dos constituintes e a atribuição de papéis temáticos, focalizaremos, aqui, a relevância do nó FONOLOGIA na descrição de problemas clássicos de morfologia do português, a exemplo da alternância vocálica submorfêmica, como em ‘garb[o]so’/‘garb[ɔ]sa’ (CÂMARA JR., 1969), o plural em monossílabos (‘grãos’) e dissílabos paroxítonos (‘órgãos’) e o acento que marca a diferença entre formas verbais e formas nominais (‘cúmulo’/‘cumulo’).

Em primeiro lugar, procuramos mostrar em que medida a Morfologia Relacional (MR) dialoga com outros modelos construcionistas, que Jackendoff & Audring chamam de “primos”, sobretudo com a proposta de Booij, a Morfologia Construcional (MC), cujo parentesco é ainda mais direto. O objetivo principal do texto, no entanto, é apresentar essa nova maneira de se pensar a morfologia das línguas naturais e mostrar que, apesar de não haver, nesse modelo, separação discreta entre os chamados níveis da gramática, a postulação de *links* de interface na representação das construções possibilita explicar de que maneira, por exemplo, a fonologia interage com a morfologia, sendo este o foco central de nossa análise. Esperamos, com isso, destacar o quanto frutíferas podem ser as investigações à luz desse modelo, já com grande adesão na Europa e ainda praticamente desconhecido no Brasil.

## **2 A Morfologia Relacional e a Arquitetura Paralela**

Esta seção é dedicada à apresentação da Morfologia Relacional (MR): desde suas origens, em Jackendoff (2002), passando, por isso mesmo, pela chamada Arquitetura Paralela, modelo por ele desenvolvido ao longo de mais de trinta anos, até chegarmos ao ideário básico da MR, procurando focalizar os

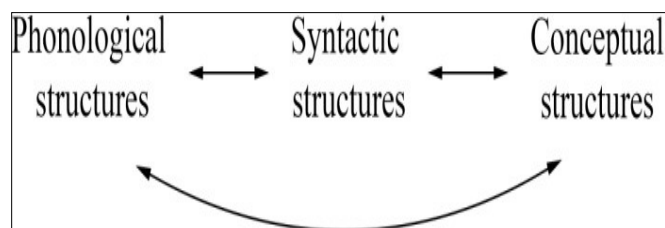
pontos de convergência e de divergência entre este aparato teórico e os demais de orientação construcionista.

No livro *Meaning and the Lexicon*, de 2010, Jackendoff traça o desenvolvimento da Arquitetura Paralela (AP), tomando como marco seu texto clássico de 1975, em que aborda a tradicional distinção entre Regras de Formação de Palavras e Regras de Redundância Lexical (JACKENDOFF, 1975). Para ele, ali estão as bases da AP. Então, no livro de 2010, fornece ao leitor a trajetória do modelo que desenvolveu ao longo de 35 anos. A AP, no entanto, ganhou maior repercussão entre os linguistas a partir da obra de 2002, *Foundations of language* (JACKENDOFF, 2002).

A premissa mais básica da AP é a assunção de que a estrutura linguística não é determinada inteiramente pela sintaxe (sintático-cêntrica), como sempre foi na Gramática Gerativa (cf. CHOMSKY, 1957), mesmo em suas versões mais recentes, como a Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981) e o Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 1995). Por outro lado, também não é determinada inteiramente pelo significado (semântico-cêntrica), como defende a maior parte dos fundadores da Linguística Cognitiva: George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy e Gilles Fauconnier, entre outros grandes nomes.

Na AP, a estrutura linguística é determinada por sistemas independentes de Fonologia, Sintaxe e Semântica, além das ligações (ou *interfaces*) entre eles, como na Figura 1, retirada de Jackendoff & Audring (2020, p. 2), na qual setas de duas pontas destinam-se a representar correspondências entre componentes, em vez de derivações de um para outro:

Figura 1: Arquitetura Paralela – visão geral



Fonte: Jackendoff & Audring, 2020, p. 2.

Conforme a Figura 1, cada tipo de estrutura está sujeito às condições de boa-formação ou às restrições aplicáveis a determinado tipo de representação. Por exemplo, a estrutura prosódica é governada por dispositivos ou restrições fonológicas, como aquelas para a construção de sílabas e constituintes de nível superior (pé e palavra prosódica, por exemplo). As estruturas morfológica e sintática (estrutura morfossintática, apenas para abreviar) são governadas pelas regras da Sintaxe e da Morfologia. Por fim, a estrutura conceitual é especificada pelas restrições e regularidades das representações semântico-cognitivas. Ressaltamos que as setas duplas representam relações de **correspondência** entre esses diferentes tipos de informação dentro de uma construção linguística particular. As correspondências também podem ser chamadas de **interfaces**, mas jamais são concebidas em termos seriais, pressupondo o mecanismo de derivação (uma estrutura sendo o *output* gerado de outra, seu *input*).

Não nos deteremos na AP, por dois motivos fundamentalmente: (a) queremos focalizar a Morfologia, mais centralmente, e (b) há, em português, um excelente livro que apresenta com detalhes o modelo consolidado em *Foundations of language* (JACKENDOFF, 2002): o livro de Rodrigues (2012). Na obra, intitulada *Jackendoff e a Arquitetura Paralela: apresentação e discussão para um modelo de linguagem*, a professora Alexandra Soares Rodrigues, docente do IPO de Bragança, fornece uma ampla visão do modelo, razão pela qual remetemos o leitor interessado a essa obra. No livro de 2002, que funciona como corolário à AP, Jackendoff não dedica espaço à formação de palavras. Em outros trabalhos, aparecem reflexões acerca dessa área, nomeadamente da composição, como, p. ex., em Jackendoff (2009). O pouco tratamento dispensado à morfologia no âmbito da AP levou a uma importante parceria: Jackendoff cria, juntamente com Jenny Audring, um modelo centralmente voltado a questões morfológicas: a Morfologia Relacional (MR).

Esse quadro teórico integra a morfologia na constituição geral da linguagem, permitindo que esse nível de análise linguística interaja de forma mais eficiente com a fonologia, a sintaxe, a semântica e, acima de tudo, com o léxico. De acordo com Booij & Audring (2015, p. 5), uma característica importante da AP é que “diferentes tipos de informação (fonológica,

sintática/morfológica e semântica) são simultaneamente acessíveis”. Por exemplo, a adjunção de um afixo a uma base pode ser dependente de propriedades prosódicas da base, que devem, portanto, estar disponíveis para a operação morfológica. Desse modo, “as informações sobre o nível de estrutura fonológica devem ser acessíveis para a expressão de generalizações no nível morfológico” (BOOIJ; AUDRING, 2015, p. 5).

Evidência para a relevância simultânea das estruturas morfológica e prosódica em português está na alternância entre as formas *-ez* e *-eza* na nominalização de adjetivos. Embora não haja absoluta regularidade na distribuição entre essas duas variantes, há categoricidade no caso de bases proparoxítonas, como já evidenciado em Villalva (1994), uma vez que todas terminam em *-ez*, como se vê em (1), a seguir<sup>1</sup>. Nesses casos, a informação prosódica é acessível à morfologia que, para manter o mesmo número de sílabas da base, cria derivados sem o atualizador lexical *-a*. Talvez por questões de acessibilidade lexical, a adjunção de *-ez* ajusta a estrutura ao formar um oxítono com o mesmo número de sílabas da base proparoxítona.

(1)	tímido	timidez	lânguido	languidez
	rígido	rigidez	estúpido	estupidez
	límpido	limpidez	flácido	flacidez
	frígido	frigidez	rápido	rapidez

Outro exemplo interessante de que propriedades prosódicas devem estar acessíveis à morfologia é a adjunção apenas de *-s* para a formação do plural de nomes anoxítonos terminados em *-ão* (cf. 2a, a seguir) ou monossílabos (2b), excetuando-se, nesses últimos, os mais lexicalizados ‘cães’ e ‘pães’. As formas com plural em *-ãos*, listadas em (2), conjunto bem pequeno na língua, são claramente governadas (a) pelo acento e (b) pelo tamanho da palavra<sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> Obviamente, como aponta a própria Villalva, o contrário não é verdadeiro, ou seja, muitas formas com *-ez* não são proparoxítonas. Por essa razão, enfatizamos, a regularidade parte dos proparoxítonos. Fica difícil generalizar a partir de diversas formas com *-ez*, como ‘altivez’, ‘fluidez’, ‘meninez’. A relação entre proparoxítonas, por seu turno, e *-ez* é categórica.

<sup>2</sup> Sem dúvida alguma, questões históricas justificam as formas alternantes de plural e ‘cães’ e ‘mães’, até onde sabemos, são das poucas que resistem à regularizações X-ões. Nunca ouvimos nem lemos nada como ‘cões’ ou ‘mões’. Por isso, sentimos que são formas mais lexicalizadas, dada a alta frequência *token* na língua.

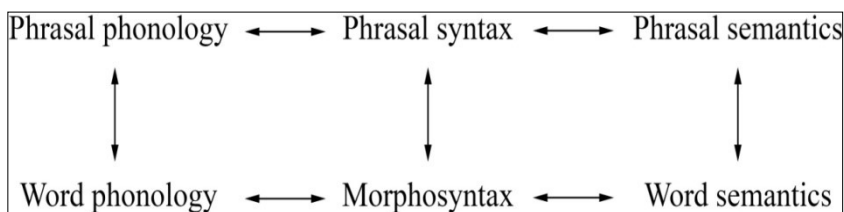
- (2) a. órfão      órfãos                      b.      grão      grãos  
          órgão      órgãos  
          bênção      bênçãos  
          sótão      sótãos  
          acórdão      acórdãos
- mão      mãos  
          chão      chãos  
          vão      vãos  
          são      são

Ainda de acordo com Booij & Audring (2015, p. 6), “propriedades prosódicas dos afixos também podem desempenhar papel nas restrições ao encadeamento de afixos”. Por exemplo, em português, o *-a* de feminino é uma unidade de fechamento que bloqueia a sufixação posterior (cf. BASILIO, 1998) de palavras complexas e só pode ser seguido do *-s* de plural, como em ‘professoras’ e ‘divinas’. No entanto, por formar palavras prosódicas por si só, *-mente* e *-zinho* podem ser adicionados a palavras flexionadas em gênero (RIO-TORTO, 2012):

- (3) lindamente      estupidamente      rapidamente      placidamente  
       elazinha        timidazinha        chapadazinha      placidazinha

Seguindo o exemplo da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2005, 2007, 2010), a AP trata a morfologia como a gramática das palavras. Assim, da mesma maneira que a gramática frasal, a morfologia envolve fonologia, sintaxe e semântica, “mas *dentro* das palavras” (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 478 – grifo dos autores). Assim, a imagem na Figura 1, exibida anteriormente, para integrar a morfologia, pode ser reelaborada como a Figura 2, a seguir:

Figura 2: A Arquitetura Paralela – visão estendida



Fonte: Jackendoff & Audring, 2020, p. 3.

Observa-se, portanto, na arquitetura da Morfologia Relacional, que a morfologia abrange a estrutura da morfossintaxe mais suas interfaces para a sintaxe frasal e para a fonologia e a semântica das palavras. Dessa maneira, o

modelo explicitamente assume uma escalaridade (*continuum*) entre a morfossintaxe e a sintaxe frasal. Jackendoff & Audring (2016, p. 468) acreditam que “uma teoria da faculdade de linguagem deve buscar integração com teorias de outras faculdades mentais. Contudo, tal integração deve respeitar os detalhes das faculdades individuais”. A base dos autores – além dos estudos conduzidos por Jackendoff (2002) no âmbito da AP e pela Morfologia Construcional de Booij (2010) – é a própria Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; GOLDBERG, 2006). O objetivo maior da dupla é “elaborar alguns aspectos de uma teoria morfológica do processamento” (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 468). Nesses modelos, mostram Jackendoff & Audring (2016, p. 469), “regras gramaticais são, elas mesmas, itens lexicais – ou seja, a gramática é parte do léxico”.

Concebida como um componente e um enriquecimento da AP, a Morfologia Relacional (MR) tem como objetivo básico “a integração harmoniosa da morfologia com o resto da linguagem e com o resto da mente” (JACKENDOFF; AUDRING, 2020, p. 480). Por isso mesmo, leva muito a sério o termo “conhecimento da linguagem”, focalizando a questão sobre o que um falante armazena na memória de longo prazo e, mais importante ainda, de que maneira o faz. Desse modo, converge plenamente com a Gramática de construções (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001) e a Linguística Funcional-Cognitiva (p. ex., BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), primeiramente porque considera a faculdade da linguagem uma habilidade cognitiva humana que utiliza o mesmo aparato de outras tarefas (CROFT; CRUSE, 2004). Dito de outra maneira, os processos cognitivos envolvidos na interação linguística não são muito diferentes daqueles usados para outras tarefas igualmente cognitivas, tais como a percepção visual, o raciocínio ou a atividade motora (cf. JACKENDOFF; AUDRING, 2020, p. 481).

Considerando as especificidades internas de cada nível, ideia central da MR, coube a Booij (2005) fornecer o instrumental analítico necessário à aplicação das premissas básicas da Gramática de construções (GC) à morfologia, ao criar o modelo de Morfologia Construcional (MC), que culminou com a publicação de seu livro *Construction Morphology*, pela Oxford em 2010. No entanto, avançou, mais tarde, para o tratamento da flexão (BOOIJ, 2013) e de

outros processos morfológicos, sobretudo alguns de natureza não concatenativa, como a reduplicação (BOOIJ, 2015).

Em linhas bem gerais, a MC dialoga com modelos de GC, segundo os quais a língua constitui um inventário estruturado de unidades simbólicas (LANGACKER, 1987) que variam em extensão (desde as mais atômicas às mais complexas) e especificidade (desde as mais genéricas às instanciações de padrões específicos). Explicitamente inscrita no paradigma da Linguística Cognitiva – conjunto mais ou menos homogêneo de abordagens que têm em comum a ideia de que o significado é baseado no uso e na experiência e de que a Gramática é motivada, não havendo limites estanques entre os seus níveis (FERRARI, 2017) –, a MC vem se mostrando bastante eficaz tanto para o tratamento de temas clássicos em morfologia, como a flexão (CARVALHO, 2019), quanto para a discussão da flexibilidade das fronteiras entre os dois principais processos de formação de palavras: a composição e a derivação (PIRES, 2018; OLIVEIRA, 2018).

Jackendoff & Audring (2016), seguindo Booij (2007), mostram que palavras são estruturas simbólicas convencionais, não havendo, por isso mesmo, diferença considerável entre, por exemplo, conforme listado em Gonçalves (2021):

- (4) formas não segmentáveis ('cajá');  
formas flexionadas ('caju-s');  
itens com marcadores de palavras ('cas-a');  
formas com vogais temáticas ('tem-e');  
prefixações ('anti-fascista');  
sufixações ('fasc-ismo');  
circunfixações ('a-tucan-ar');  
compostos neoclássicos ('xeno-fóbico');  
compostos híbridos ('agro-negócio');  
recompostos ('homo-agressor');  
compostos lexicais ('burro-asno');  
formações com *splinters* ('bolso-lixo');  
expressões semi-abertas ('pé-de-X');  
expressões parcialmente especificadas ('dar uma X-ada'); e  
expressões idiomáticas ('dar com os burros n'água').

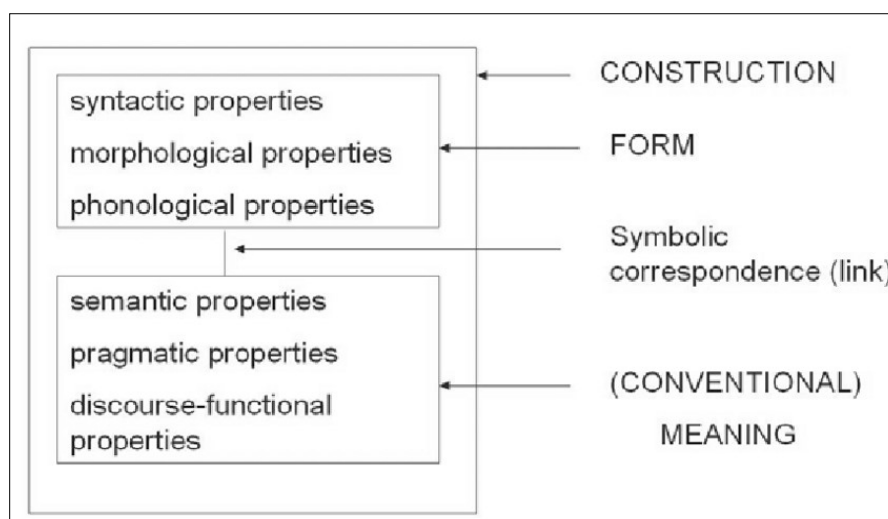
Desse modo, são totalmente flexibilizadas as fronteiras internas da morfologia, pois flexões, derivações e composições passam a ser vistas, todas



elas, como construções, sendo, por isso mesmo, representadas da mesma maneira: por meio de esquemas e subesquemas, não havendo, entre elas, limites intransponíveis, assim como não há rígida separação entre Léxico e Gramática.

Passemos, agora, às principais assunções desse novo modelo teórico, focalizando os pontos de divergência entre a MR e outros modelos de natureza construcional. Os vários modelos construcionistas existentes, incluindo o de Geert Booij, definem uma construção como um item simbólico produzido no léxico, ou seja, como um pareamento entre forma (fonologia, sintaxe) e significado (função), como na Figura 3, a seguir:

Figura 3: Pareamento forma-significado na Gramática de Construções



Fonte: Croft (2007, p. 18).

Em total sintonia com essas análises, a MR também assume esse pareamento para a maior parte das construções linguísticas. Por outro lado, admite a possibilidade de esquemas/construções que não envolvam semântica, como, por exemplo, (a) padrões fonotáticos; (b) constituintes morfológicos sem significado, como, entre outros, os marcadores de palavras, as vogais temáticas e segmentos que funcionam como “cola” morfológica, a exemplo das vogais e consoantes de ligação; (c) raízes de fronteira (as que aparecem em construções mais individualizadas) e não se atualizam /correspondem a palavras (nunca aparecem em isolamento); (d) raízes

*doublets* que aparecem apenas em derivados; e (e) sequências não recorrentes que se comportam como afixos.

Pelo fato de as unidades em (4) estarem no centro de investigações da MR, o modelo interpreta “as construções que relacionam forma e função como apenas um subconjunto do conhecimento total da linguagem de um falante” (JACKENDOFF; AUDRING, 2020, p. 480). Desse modo, construções podem envolver apenas o polo significativo, não carreando qualquer tipo de significado.

O repertório de relações entre itens lexicais constitui uma diferença crucial entre a MR e a MC. Na GC, a **herança** é o principal tipo de correspondência entre esquemas: é, na verdade, “uma relação entre uma palavra ou construção e outra construção mais abstrata, de forma que esta última motive parcialmente a estrutura da primeira” (JACKENDOFF; AUDRING, 2018, p. 478). A MR admite tais relações, mas, além disso, permite relações “horizontais” – diretas ou “irmãs” – entre palavras ou entre esquemas, “para as quais, em muitos casos, não é atraente postular uma “mãe” abstrata que captura o que elas têm em comum” (JACKENDOFF; AUDRING, 2018, p. 479). No seu texto de 2019, que traduzimos como “Mães ou irmãs? A codificação do conhecimento morfológico”, com a finalidade de fornecer ao leitor mais uma visão geral do modelo, Audring assim se expressa sobre as relações entre construções:

Enquanto as abordagens tradicionais veem a gramática como um sistema de regras, as teorias baseadas em construção assumem esquemas declarativos – entradas lexicais com variáveis – como o *locus* do conhecimento gramatical. Esses esquemas são evidentemente necessários para codificar padrões produtivos. No entanto, o conhecimento morfológico também inclui relações entre palavras existentes, em padrões que não podem necessariamente ser estendidos produtivamente (...). Tais padrões podem ser codificados de duas maneiras: por um esquema “mãe” dominando as instâncias listadas, ou por ligações “irmãs” entre as próprias instâncias. Os *links* irmãos são a opção mais parcimoniosa, uma vez que não requerem uma camada superordenada na rede construtiva. No entanto, esquemas mães podem codificar propriedades que *links* irmãos não podem (AUDRING, 2019, p. 277).

Podemos apontar o formalismo como outro aspecto que diferencia a MR de outras abordagens construcionistas da Gramática. Se, por um lado, esse modelo, da mesma maneira que a MC, adota o termo “esquema” em lugar de “construção”, por mera convenção terminológica, uma vez que os termos podem ser intercambiados sem prejuízo do significado, por outro, a MR enfatiza a distinção entre fonologia, sintaxe, morfossintaxe e semântica no âmbito dos esquemas como meio de marcar a diferença entre padrões produtivos e padrões não produtivos.

Consideremos, por fim, um contraste que Jackendoff & Audring (2016, 2018, 2020) concebem como “ponto final mais filosófico”: ao contrário de muitas outras abordagens construcionistas (cf., GOLDBERG, 2006), a MR admite a possibilidade de princípios de linguagem específicos de cada nível de descrição da estrutura linguística. A GC, de um modo geral, concebe a linguagem inteiramente como um subproduto de processos cognitivos mais gerais, ao passo que a MR, apesar de explicitamente concordar com os demais modelos nesse aspecto, enfatizando que está obviamente “comprometida em minimizar os aspectos específicos de cada domínio da linguagem” (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 477), assume a ideia de que a morfologia, ainda que seja regida por princípios mais gerais, como os demais níveis, tem suas especificidades. Desse modo, a MR foi proposta justamente para acolher o que há de mais morfológico (ou “*morphology by itself*”, parafraseando um famoso livro de Mark Aronoff) ou “morfologia mais pura”: classes formais, declinações, elementos de fronteira etc. Mesmo admitindo que há um *continuum* do léxico para a sintaxe, a MR considera as especificidades da morfologia e consegue acolher as relações entre palavras e esquemas não apenas verticalmente (pelo mecanismo de herança), mas também horizontalmente (por instâncias irmãs).

### **3 O formalismo da Morfologia Relacional**

Uma discussão proeminente na maioria das teorias linguísticas tem sido a distinção entre palavras e regras, ou entre o léxico e a gramática, como se estivessem, nos termos de Jackendoff & Audring (2017, p. 469), “em diferentes

“lugares” metafóricos na mente” [grifo dos autores]. Paralelamente, alguns psicolinguistas tendem a tratar o armazenamento de palavras como algo distinto das regras gramaticais, posição explicitamente defendida, por exemplo, por Ullman (2015). Essa divisão é rejeitada pela Gramática de Construções (cf. GOLDBERG, 1995), pelos modelos funcionais baseados no uso (cf. HOFFMAN; TROUSDALE, 2013) e pela Morfologia Construcional (cf. BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016).

Nos termos de Jackendoff & Audring (2016, p. 469), “as abordagens construcionistas argumentam que as regras gramaticais são, elas mesmas, itens lexicais – ou seja, a gramática é parte do léxico” e, por isso mesmo, essa assunção é explicitamente assumida pela Morfologia Relacional (cf. JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 2018, 2020). Demonstrando que, em praticamente todas as teorias linguísticas, “uma palavra contém peças de estrutura sobre três níveis: sua estrutura semântica, seus recursos sintáticos e sua fonologia” (cf. JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 470), como vimos na Figura 1, a MR propõe que “esses níveis são, em princípio, independentes, cada um com suas próprias condições características de boa-formação. Mas cada um também é ligado aos outros” (cf. JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 471): por exemplo, a camada fonológica pode ser ligada à camada morfossintática, e esta à semântica. Os autores chamam essas relações de **links de interface de conexões** e os representam com índices que mostram quais partes da estrutura em um nível correspondem à estrutura em outro nível.

Em termos de formalização, a MR propõe, como os demais modelos construcionistas, a utilização de esquemas (ou construções). Jackendoff & Audring (2016, p. 485) são categóricos ao mostrar a enorme vantagem do uso de esquemas em vez de regras: “esquemas têm o mesmo formato que palavras, diferindo apenas na parte de sua estrutura que consiste em variáveis e variáveis coíndices”. No seguinte fragmento, explicitam muito bem as razões que justificam essa escolha:

em praticamente todas as teorias linguísticas, uma palavra contém peças de estrutura em três níveis: sua estrutura semântica, suas características sintáticas e sua fonologia. No paradigma da Arquitetura Paralela, esses níveis são, em princípio, independentes, cada um com

suas próprias condições de boa formação características. No entanto, cada um também está ligado aos outros: a camada fonológica pode ser ligada à sintaxe e à semântica. Chamamos esses links de interface de conexões, e os notamos com índices que mostram quais partes da estrutura em um nível correspondem à estrutura em outro nível. [...] Os índices devem ser pensados como marcando o fim das linhas de associação (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 487).

Ilustremos o formalismo da MR com uma construção atômica como ‘caju’, lembrando que atômica é uma construção que não se divide em outras, o que corresponde, em morfologia, a uma palavra monomorfêmica, isto é, sem qualquer complexidade morfológica. O termo **substantiva** também pode ser utilizado nesses casos: trata-se de uma instância plenamente especificada. Esse item lexical morfológicamente simples consiste em um pedaço de estrutura semântica (o significado da palavra), grafado em maiúsculas, como convencionalizado desde o Estruturalismo (cf. HOCKETT, 1954), CAJU, um pedaço de estrutura fonológica, sua pronúncia, (/ka'ʒu/), e a categoria sintática a que pertence, Substantivo (S). Na representação a seguir, o agrupamento desses componentes em uma unidade lexical é convencionalmente sinalizado por uma relação através de um cossuscrito arbitrário, como <sub>1</sub>. Os subscritos podem ser considerados marcando o que os autores chamam de *links de interface*. Na camada (*tier*) MORFOSSINTAXE, a classe da palavra aparece à esquerda, antes das reticências (...), o que permite, à fonologia, o preenchimento da sequência com conteúdo segmental e prosódico<sup>3</sup>:

(5)	SEMÂNTICA:	[ CAJU <sub>1</sub> ]
	MORFOSSINTAXE:	[ s ... ] <sub>1</sub>
	FONOLOGIA	/ka'ʒu <sub>1</sub> /

---

<sup>3</sup> Embora os autores utilizem o termo FONOLOGIA, muitas vezes se valem da representação fonética da palavra para abordar fenômenos de natureza sonora relevantes. O termo, portanto, deve ser visto mais como didático: uma maneira de se referir à pronúncia de construções. Optamos por manter os acentos nas representações fonológicas, muito embora essa informação possa ser omitida nesse nível de representação por ser previsível e gerada por regras (COLLISCHONN, 2000).

Passemos, na sequência, ao exame de alguns fenômenos que revelam a importância do nó FONOLOGIA no âmbito dos esquemas e, sobretudo, na relação entre esquemas. Começamos com a alternância vocálica submorfêmica<sup>4</sup>.

#### 4 A mutação vocálica (alternância [o] ~ [ɔ])

Considere-se o conjunto de terminadas em *-oso* em (6), a seguir.

- (6) a. feioso, gorduroso, sedoso, caprichoso  
b. moroso, tinoso, garboso, adiposo

Com relação às formas em (6), a melhor generalização que se pode estabelecer é a seguinte: palavras terminadas em *-oso* são adjetivas, independentemente de a base ser ('gostoso', 'sedoso') ou não reconhecida como palavra ('adiposo', 'tinoso'); é um substantivo, como em 'gorduroso' e 'saboroso', mas não pertence à classe alguma em 'liposo' ou 'garboso', posto que não constitui palavra no atual estágio da língua. Obviamente, a postulação de mais *links* internos permite relacionar melhor os três nós e, com isso, dar conta de novas instanciações. Em (7), o símbolo — representa que a base pode não receber etiqueta lexical.

- (7) SEMÂNTICA: [ QUE TEM ALGO EM EXCESSO ]<sub>2</sub>  
MORFOSSINTAXE: [Adj — AF<sub>3</sub>]<sub>2</sub>  
FONOLOGIA [ ... OZ<sub>3</sub>... ]<sub>2</sub>

É no nó FONOLOGIA que as formações em *-oso* demonstram mais claramente a relação de nós irmãos, em vez do mecanismo de herança ou da postulação de regras fonológicas que atuam sobre uma forma para gerar outra. No âmbito desse sufixo, é sistemática a alternância vocálica: um masculino com [o] está categoricamente relacionado com um feminino em [ɔ], como se observa nos seguintes pares:

---

<sup>4</sup> A análise de Andrade (1992) reivindica a necessidade de considerar as formas do plural como subjacentes e a sua elevação, por metafonia, no masculino singular. Como nosso interesse está nos esquemas irmãos e, obviamente, nosso enfoque esteja longe de se filiar ao paradigma gerativista, essa informação pouco interessa, até mesmo porque nosso enfoque é no gênero.

- (8) SEMÂNTICA: [ AQUELE CHEIO DE ALGO ]<sub>4</sub> [ AQUELA CHEIO DE ALGO ]<sub>5</sub>  
 MORFOSSINTAXE: [Adj S<sub>6</sub> AF<sub>3</sub> AF<sub>8</sub>]<sub>4</sub> [Adj S<sub>6</sub> AF<sub>3</sub> AF<sub>9</sub>]<sub>5</sub>  
 FONOLOGIA: [...6. oZ<sub>3</sub>Ů<sub>8</sub>]<sub>4</sub> [...5. ɔZ<sub>3</sub>ɖ<sub>9</sub>]<sub>5</sub>  

$$\underbrace{\qquad\qquad\qquad}_{[o] \Leftrightarrow [\varepsilon]}$$

Numa análise pela MR, a proposição de esquemas irmãos consegue capturar bem essa generalização sem ter de postular qualquer tipo de regra fonológica: no âmbito desses esquemas, é sistemática ( $\Leftrightarrow$ ) a relação entre um masculino com [o] e um feminino com [ɔ]. Essa informação, por sua vez, além de demonstrar bem a relação entre esquemas irmãos, captura a interdependência entre os nós:

- (9) gost[o]so     gost[ɔ]sa                      bond[o]so     bond[ɔ]sa  
 gul[o]so         gul[ɔ]sa                              sed[o]so         sed[ɔ]sa  
 seb[o]so         seb[ɔ]sa                              adip[o]so         adip[ɔ]sa  
 form[o]so        form[ɔ]sa                             grandi[o]so      grandi[ɔ]sa

O esquema relacional em (8) generaliza bem o fato de a chamada alternância submorfêmica de gênero (CÂMARA JR, 1969) – embora seja informação idiosincrática em um número fechado de pares de palavras, como as em (10), a seguir – constituir **padrão** no âmbito das construções X-oso. Nessas construções, a correlação [o] / [ɔ] é obrigatória.

- (10) p[o]rco        p[ɔ]rca                      n[o]vo         n[ɔ]va  
          [o]vo         [ɔ]va                           ch[o]co        ch[ɔ]Ca  
          gr[o]sso    gr[ɔ]ssa                      h[o]rto        h[ɔ]rta

A correspondência [o] / [ɔ] também é categórica nos pouco pares de palavras com sufixação em -oco/-oca, a exemplo dos em (11a), a seguir. Por outro lado, há um número considerável de palavras derivadas X-oca, com vogal aberta, em alguns nomes sem gênero inerente (ditos comuns-de-dois), como em (11b), e muitas outras derivadas, sempre femininas (11c):

- (11) a. dorminh[o]co        dorminh[ɔ]ca                      b. bob[ɔ]ca  
          dondoco             dond[ɔ]Ca                             fanz[ɔ]ca  
          chin[o]co            chin[ɔ]Ca  
      c. beij[ɔ]ca              bic[ɔ]ta              engenh[ɔ]ca  
          massar[ɔ]ca         pern[ɔ]ca             belez[ɔ]ca

Em português, é bem assentada a correlação entre  $[-o]co$  e  $[-ɔ]ca$ , represente essa sequência um morfema ou não. Por exemplo, a forma ‘pipoco’ é mais recente que ‘pipoca’ e certamente surge em função da existência de um padrão construcional consolidado na língua, em que X-o é masculino e X-a é feminino (cf., p. ex., KEHDI, 1989; NASCIMENTO, 2006; CARVALHO, 2019). O fato de ‘pipoco’ ser posterior a ‘pipoca’ ilustra bem duas vantagens do modelo relacional: (a) a questão da (não) direcionalidade (os esquemas são irmãos e um não constitui herança de outro) e (b) a importância da FONOLOGIA no estabelecimento de correlações, uma vez que a vogal de ‘pipoco’ é fechada, como nos masculinos em X-oco (cf. ‘dorminh[o]co’).

Exemplo interessante é o da palavra ‘carioca’, sem gênero inerente e usada em referências aos nascidos/as na capital fluminense (cidade do Rio de Janeiro). Temos presenciado, em situações comuns de interação, a regularização dessa forma para marcar a distinção de sexo biológico. No entanto, para sair da esfera de ouvinte para entrar na de pesquisador, fizemos um teste com 15 informantes<sup>5</sup>, homens e mulheres de idades variadas, que leram em voz alta a seguinte frase:

(12) Fulano nasceu no centro do Rio e adora ser chamado de **carioco**.

Independente do gênero ou da idade, todos os leitores pronunciaram a vogal tônica fechada, [o], o que comprova que o nó FONOLOGIA do esquema em (8) vale também para as formas terminadas em -oco/-oca, sejam elas morfêmicas ou não. Sem dúvida alguma, isso constitui uma evidência forte do poder explicativo da MR.

(13) FONOLOGIA       $[...ok+ʊ]$                        $[...ɔk+v]$

```

[...ok+ʊ]                      [...ɔk+v]
  |                           |
  |                           |
  |_____|
  [o] ⇔ [ɔ]
      
```

<sup>5</sup> O teste, apesar de informal e feito com conhecidos, contou com a presença de falantes de regiões diferentes: tivemos dois paulistas, um baiano e dois mineiros. Os demais são todos cariocas ([o]?).



## 5 Esquemas irmãos: novo exemplo do poder explicativo da MR

Em relação aos esquemas *X-ção* e *X-tivo*, uma importante generalização pode ser capturada pela MR: esses esquemas estão de tal forma associados que acabam, ambos, se distanciando da base verbal que pressupõem. Aqui, duas situações são dignas de notas: (a) a de raízes sem livre curso, como as listadas em (14), em que a base somente se realiza no par relacional *X-ção/X-tivo*, e (b) a das bases que sofrem processo fonológico regular, como a haplogogia<sup>6</sup>, mas é a forma modificada, distante do verbo-base, que aparece nas construções em questão (15)<sup>7</sup>:

(14)	obsessão	obsessivo	objeção	objetivo
	asserção	assertivo	audição	auditivo
	cognição	cognitivo	acepção	aceptivo
	ablação	ablativo	afeição	afetivo
(15)	indução	indutivo	produção	produtivo
	adoção	adotivo	aflicção	aflitivo
	condução	condutivo	conexão	conectivo

Pelos dados, comprova-se que (i) há uma estreita relação paradigmática entre os esquemas *X-ção* e *X-tivo* e esse vínculo é tão forte que (ii) o nó FONOLOGIA distancia os dois esquemas de suas respectivas “mães”, que pressupõem uma base verbal que simplesmente não existe (14) ou que sofre uma operação fonológica comum (15).

Tomemos como exemplo o trio ‘adotar’/‘adoção’/‘adotivo’. Como se percebe de imediato, pela estrutura, do ponto de vista descritivo, é mais vantajoso postular a ancoragem de esquemas irmãos que propor regras fonológicas que atuam nas duas formações: pela MR, um esquema escora o outro, sem necessariamente “olhar” para a palavra-fonte. Numa análise baseada

---

<sup>6</sup> Fenômeno fonológico em que sequências fônicas idênticas adjacentes são suprimidas em fronteira de palavras (‘pode deixar’ > > ‘po(de)deixar’) ou de morfemas. Nesse último caso, aparece em compostos (trágico-cômico >> tragi(co)-cômico), derivados (caridade + oso >> cari(da)dosos) e derivados de compostos (‘dedo-duro’ >> ‘de(do)durar’).

<sup>7</sup> No que diz respeito aos esquemas *X-ção* e *X-tivo*, estamos completamente cientes de que formas como ‘objeção’, ‘audição’ etc. são palavras alatinadas, introduzidas no português, e não cunhadas em algum estágio evolutivo de nossa língua. Esse conhecimento, aliás, está longe de ser do domínio de um falante médio comum. Como em outras abordagens, na MR o que importa é o que o falante abstrai dos dados (e não relações históricas entre palavras).

em regras, poderíamos pensar num processo fonológico de haplologia ('ado(ta)ção', 'ado(ta)tivo'). A análise relacional constitui alternativa bem mais atraente, como se vê na representação a seguir:

(16)		a.	b.
	SEMÂNTICA:	[ ATO DE ADOTAR ] <sub>14</sub>	[ QUE ADOTA ] <sub>14</sub>
	MORFOSSINTAXE:	[S — AF <sub>12</sub> ] <sub>14</sub>	[Adj — AF <sub>13</sub> ] <sub>14</sub>
	FONOLOGIA	[a.do.'sẽõ <sub>12</sub> ] <sub>14</sub>	[a.do.'ʃiv <sub>13</sub> ] <sub>14</sub>

No âmbito desses dois esquemas irmãos, os dados mais interessantes são os seguintes, nos quais a forma de base é modificada de tal modo que pouco lembra o verbo de origem. Nesses casos, nem mesmo uma regra de haplologia poderia ser postulada. Observe a distância sonora dessas formas para com os verbos 'adquirir' e 'descrever', respectivamente:

(17)	aquisição	aquisitivo
	descrição	descritivo

A relação entre X-ção é X-tivo é tão forte na língua que consegue suplantar a inexistência de raízes, como destacamos em (14). Esse fato nos leva a afirmar que os esquemas são tão intimamente relacionados que a forma de um pressupõe a do outro, o que constitui evidência muito forte para a MR:

(18)		a.	b.
	SEMÂNTICA:	[ ATO DE ] <sub>15</sub>	[ AQUELE QUE ] <sub>16</sub>
	MORFOSSINTAXE:	[S — AF <sub>12</sub> ] <sub>15</sub>	[Adj — AF <sub>13</sub> ] <sub>16</sub>
	FONOLOGIA	[... 'sẽõ <sub>12</sub> ] <sub>15</sub>	[... 'ʃiv <sub>13</sub> ] <sub>16</sub>

Por fim, a solidariedade entre os esquemas garante até a relação entre -ção (grafado <ssão>) e -ivo (sem o /t/), como se observa nos pares abaixo. Observe que o verbo-base está muito remotamente embutido nas formações, ainda que possamos recorrer à haplologia para recuperar a raiz:

(19)	opressão/opressivo
	depressão/depressivo
	agressão/agressivo

## 6 Pares V/N: a questão do acento

Jackendoff & Audring (2020, p. 23) usam o termo *irmãs* para pares de palavras, “nos quais nenhuma pode ser derivada da outra e não existe uma “mãe” abrangente da qual ambas possam herdar”. Alguns exemplos do português revelam a relevância do nó FONOLOGIA para estabelecer uma oposição categorial na MORFOSSINTAXE. Os exemplos em (20), a seguir, no nosso entendimento, sustentam muito bem o ideário da MR, uma vez que esse modelo pressupõe a existência de nós independentes, mas articulados aos demais<sup>8</sup>.

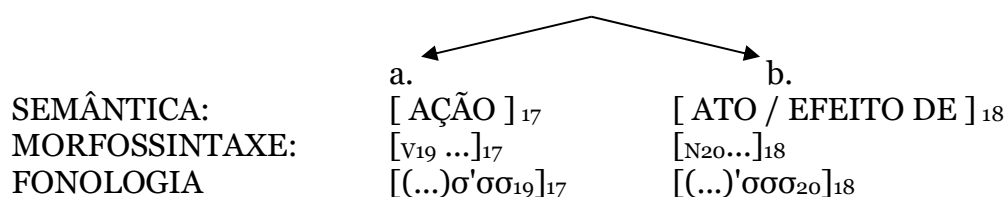
(20)	a.	calculo	b.	cálculo
		duvida		dúvida
		pratica		prática
		vinculo		vínculo
		auxilio		auxílio

Todos os exemplos em (20a) caracterizam formas verbais, em oposição aos exemplos de (20b), categorizados como nomes. O que acontece nesses pares é que o acento sinaliza a categoria sintática da palavra: as formas verbais são sempre paroxítonas, em oposição às nominais, categoricamente proparoxítonas. Em vez de formular uma difícil regra de formação que levaria, por exemplo, à criação de deverbais proparoxítonos ou uma construção superordenada que parte das formas verbais para as nominais, o que o falante parece abstrair desses pares é um padrão regular entre esquemas irmãos e esse padrão conta com a FONOLOGIA como principal referência para a informação da MORFOSSINTAXE. Novamente aqui, a SEMÂNTICA é bastante geral:

---

<sup>8</sup> Novamente aqui, é irrelevante, do ponto de vista descritivo, que determinadas formas tenham sido introduzidas no português autonomamente, mas são semanticamente relacionáveis, e, ainda que não sejam geradas morfológicamente uma a partir da outra (o que não vem ao caso numa análise pela MR), a correlação feita pelo falante é bastante consistente, como argumentamos mais adiante.

(21)

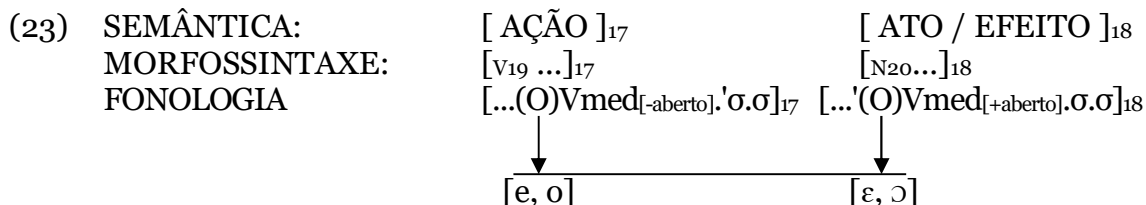


Se a. e b. forem interpretados como esquemas irmãos, bem ao estilo da MR, a representação em (21) revela um padrão morfofonológico obviamente relacionado do ponto de vista morfossemântico, uma vez que a ideia de (a) está contida em (b) ou vice-versa, havendo construção-mãe com um significado bastante genérico. Por essa razão, o falante — que domina os padrões linguísticos muito mais do que imagina —, contrariando a norma, diz, por exemplo, que irá apor sua “rúbrica” no documento”. Desse modo, o usuário da língua regulariza uma forma anômala, que não segue o comportamento das demais, a despeito de a tradição exigir o contrário.

Outra vantagem da MR, ainda em relação ao esquema em (21), é a possibilidade de abordar melhor a interface da morfologia com a fonologia. Por exemplo, em termos serialistas, um processo fonológico chamado abaixamento dactílico – que torna as vogais médias abertas quando se cria um pé métrico trissilábico com dominância na terceira sílaba à direita (WETZELS, 1992), a exemplo de ‘calórico’ e ‘sambódromo’ – caracteriza os nomes deverbais proparoxítonos, uma vez que as vogais médias sempre irão se manifestar como abertas, em oposição às das formas verbais correspondentes, categoricamente fechadas.

Em vez de formular regras, para dar conta dos dados em (22), a seguir, podemos assumir a informação fonológica especificada nos esquemas irmãos em (23), em que O representa o constituinte silábico *onset* e os parênteses, a opcionalidade desse elemento. V abrevia vogal e Med e Ab, média e aberta, respectivamente. Sem dúvida alguma, uma abordagem como a Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1995) poderia ser trazida à tona para esmiuçar o nó FONOLOGIA. Para os nossos propósitos, as informações Med e Ab são suficientes:

(22)	orbita	órbita	debito	débito
	formula	fórmula	credito	crédito
	copula	cópula	replica	réplica
	rotulo	rótulo	medico	médico



Como se vê, a abordagem relacional permite o estabelecimento de relações entre palavras sem recorrer a qualquer serialismo, o que, do ponto de vista da aquisição e do processamento da linguagem, é bem mais vantajoso.

## 7 Os segmentos de juntura

O termo **interfixo** é geralmente empregado para caracterizar elementos relacionais que aparecem entre duas unidades morfológicas, como as vogais e consoantes de ligação, além de certos marcadores de palavras (HASPELMATH, 2002). Essa classe de elementos vem representada por segmentos fônicos que entram em determinados contextos para possibilitar junturas, de acordo com os padrões silábicos de uma língua. Interfixos são entidades semanticamente nulas (desprovidas de significado e, portanto, não morfêmicas) e têm caráter meramente formal, já que ou (a) surgem por imposições de natureza fonológica (vogais e consoantes de ligação) ou (b) caracterizam determinados tipos de construção morfológica (marcadores de palavras).

Alguns analistas da linguagem desconsideram essas unidades (cf. FREITAS, 1979; ZANOTTO, 1986) e as interpretam como parte do elemento precedente ou subsequente. Por exemplo, pode-se pensar na sequência *-udo* como sufixo que veicula a SEMÂNTICA de “avantajado de X”, em que X é principalmente um substantivo que denota uma parte do corpo visível: ‘barrigudo’, ‘cabeçudo’, ‘bigodudo’. Em ‘mãozudo’, ‘pezudo’ e ‘pauzudo’, pode-se propor a existência de um *-z-* como uma espécie de ponte (ou “cola

morfológica”) entre as bases e o sufixo *-udo*. Também é possível admitir alternância entre as formas *-udo* e *-zudo* na manifestação desse conteúdo. No entanto, a primeira análise parece mais vantajosa exatamente porque o elemento epentético (consoante inserida), embora desprovido de significado, é recorrente na língua, aparecendo junto a outros sufixos, a exemplo de *-ada*, *-eiro* e *-ito*, entre tantos outros usados em formações até muito recentes, a exemplo das que aparecem na primeira linha de (24), a seguir. Tal é o caso ‘jacarezada’, encontrada recentemente e usada em referência àqueles que se imunizaram contra a COVID-19, tornando-se ‘jacarés’, numa clara alusão a uma fala negacionista do então presidente:

- (24) gurizada, sirizada, petezada, jacarezada  
 açazeiro, ingazeiro, cafezeiro, chuchuzeiro  
 florzita, cãozito, jardinzito, irmãozito

Não há dúvidas de que esse /z/ surge por questões fonotáticas e aparece nas instâncias oxítonas (obviamente atemáticas) que se combinam com esses sufixos. Uma análise relacional, como a formalizada a seguir, consegue expressar a existência desse /z/ sem entrar na questão do significado, já que essa sibilante simplesmente se comporta como unidade morfológica, por sua recorrência, e é acionada sempre que questões de junção se fazem necessárias. Por isso mesmo, é reconhecida e acessada pelo falante, apesar de não contribuir com o significado do todo. Esquemas irmãos garantem a isolabilidade desse elemento, como se formaliza a seguir, somente com os nós MORFOSSINTAXE e FONOLOGIA:

- (25) MORFOSSINTAXE: [Adj udo]<sub>19</sub> [s ada]<sub>20</sub> [s eiro]<sub>21</sub>  
 FONOLOGIA [...'z ud<sup>o</sup>]<sub>19</sub> [...'z ada]<sub>20</sub> [...'z ej<sup>ro</sup>]<sub>21</sub>
- 

Situação semelhante à encontrada em (25) é a dos nomes oriundos de verbos. Nas nominalizações deverbais em que o sufixo se inicia por vogal, como é o caso de *-ura*, por exemplo, é sistemática a presença de *-d-*, o que se constata nos exemplos em (26), na sequência. Observe que (26a), com base nominal, seleciona *-ura*, enquanto (26b), com base verbal, termina sempre em *-dura*:

- (26) a. feiúra  
brancura  
frescura  
loucura
- b. ligadura  
semeadura  
varredura  
urdidura

No nosso entendimento, um /d/ epentético é acionado para resolver problemas de juntura sempre que a base tema se combina com um afixo iniciado por vogal, de modo a evitar um hiato. Não é por acaso que vemos essa mesma consoante em várias construções deverbais, o que sinaliza sua recorrência:

- (27) costureira/arrumad**e**ira      inteiriço /moved**i**ço  
viela/piscad**e**la                      faxineira/passad**e**ira  
enfermiço/corred**i**ço                copeira/fritad**e**ira  
roliço /dobrad**i**ço                      trâmela/cuspid**e**la

Esquemas irmãos possibilitam identificar essa consoante intrusiva, como representado em (28), a seguir, que, como (25), unicamente especifica os nós MORFOSSINTAXE e FONOLOGIA:

- (28) MORFOSSINTAXE:      [v ura]<sub>22</sub>      [v iço]<sub>23</sub>      [v eiro]<sub>24</sub>  
FONOLOGIA                      [...'dura]<sub>22</sub>      [...'disø]<sub>23</sub>      [...'dejɾø]<sub>24</sub>
- 

Desse modo, o português apresenta duas consoantes de juntura bem assentadas na língua: uma para construções denominais (-z-) e outra para formações deverbais (-d-). Por isso mesmo, esses elementos, além de fonologicamente motivados, sinalizam a natureza categorial da base. Essa relação fica muito clara quando analisamos as formações X-eira. Observe-se, nos dados a seguir, que um /z/ epentético surge nas bases substantivas (29b) e /d/ nas verbais (29c):

- (29) a. iogurteira                      b. pãozeira      c. batedeira  
inhoqueira                          pudinzeira      enceradeira  
pipoqueira                          nozeira            grelhadeira  
sorveteira                          mingauzeira      empilhadeira

Analisemos, a seguir, os atualizadores lexicais. Também aqui, deparamo-nos com segmentos sem SEMÂNTICA, amórficos na terminologia de Anderson (1992), mas com importante papel nas palavras de que fazem parte.

## 8 O atualizador lexical /ɪ/

Por questões de espaço e para não entrar na relação com o gênero, deixaremos de lado as vogais finais *-a* e *-o*, por entendermos, como outros autores, sobretudo Carvalho (2019), que esses formativos, mesmo em substantivos que se referem a coisas ('porta', 'ombro'), fazem parte das construções de gênero. Por esse motivo, não são elementos destituídos de SEMÂNTICA. Nesta seção, nosso objeto é a vogal temática /ɪ/ (graficamente <e>), muito apropriadamente denominadas de atualizador lexical desde o trabalho de Herculano de Carvalho (1983).

Em português, os atualizadores lexicais não constituem elementos obrigatórios. Isso porque há diversas palavras sem esse constituinte, como é o caso dos nomes terminados (a) em ditongo (oral ou nasal), (b) vogal tônica, (c) vogal nasal e (d) consoante. No nosso entendimento, tais formas não carecem de atualizador lexical porque elas já constituem formas livres, na terminologia de Bloomfield (1933):

(30)	a.	réu lei pai mãe	b.	café caqui cipó sofá	c.	romã jejum rim rã	d.	pomar mês sal bar
------	----	--------------------------	----	-------------------------------	----	----------------------------	----	----------------------------

Depreende-se, dos exemplos em (30), que são temáticas<sup>9</sup> apenas as palavras terminadas em vogal átona e oral, como 'pente', 'ponta' e 'prato'. Esses dados sugerem que, nos nomes, cabe aos atualizadores lexicais, como bem lembrado por Bechara, a função primeira de

---

<sup>9</sup> O termo mais usado na literatura em referência aos segmentos finais *-a*, *-o* e *-e* é vogal temática. Em concordância com Bechara (2005), usamos o termo apenas para os constituintes do verbo.



atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico [...]. Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso. (BECHARA, 2005, p. 345)

No nosso entendimento, o atualizador lexical /ɪ/ é diferente dos demais, por dois motivos, fundamentalmente: (a) é totalmente desprovido de SEMÂNTICA e (b) é a vogal que surge apenas com a função de ajustar a base de acordo com os padrões fonotáticos da língua. Sabemos que é extremamente rara uma formação *ex-nihilo* (HASPELMATH, 2002), sem qualquer motivação morfológica ou semântica, e, por isso, não costumamos criar raízes. Novas raízes, no entanto, provêm de duas fontes principais: os empréstimos e as siglas. Em relação ao primeiro caso, todas as formas em (31) receberam a vogal alta anterior e já não soam mais empréstimos porque foram graficamente aportuguesadas (são escritas com <e>, apesar de pronunciadas com [ɪ]):

(31) esporte                      esnobe                      surfe  
      suíngue                      gangue                      banguê-banguê

Estamos procedendo do mesmo modo com todas as formas recém-importadas, em (32), porque o português, ao contrário do inglês, não permite obstruintes na posição de coda silábica. Embora a grafia não evidencie o fato, todas as palavras de (32) são produzidas com um [ɪ] final:

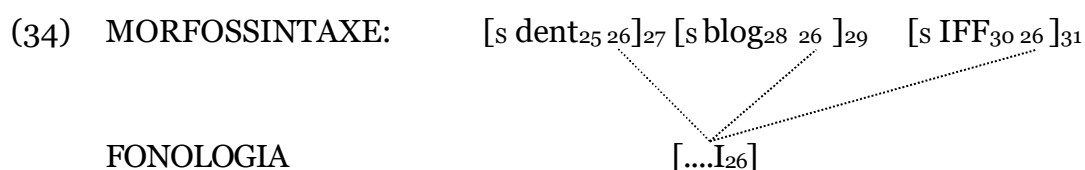
(32) funk                      back-up                      donwload                      e-book                      bug                      link  
      ship                      chush                      nerd                      boot                      led                      look

Outro mecanismo criador de raízes em português é a siglagem. Nos acrônimos, siglas pronunciadas como palavras, a vogal final, sempre átona e oral, é categoricamente [ɪ], o que nos autoriza afirmar ser essa vogal o atualizador lexical por excelência:

(33) CUT                      PUC                      UERJ                      ONG                      PEC  
      CEP                      IF                      UFF                      CEF                      UFF

Percebam que essa vogal tem motivação apenas fonológica e, nos empréstimos, de modo algum é possível estabelecer qualquer generalização

quanto ao gênero. Por exemplo, ‘gangue’ é feminina (gangue **perigosa**), enquanto ‘suíngue’ é masculino (**o** suíngue) e ‘esnobe’ não tem gênero inerente (moça esnobe; homem esnobe). No caso das siglas, o gênero é determinado pelo núcleo da expressão originária: a CUT (**Central** Única dos Trabalhadores), o CEP (**Código** de Endereçamento Postal). Talvez por esse caráter mais neutro, haja tentativa de anular a oposição de gênero com o uso dessa vogal (amigo X amiga X amigue). Sem entrar nesse mérito, postulamos que o elemento assemântico [I] desempenha, nas formas em que aparece, apenas função relacional:



Em (34), como as duas últimas palavras não se conformam aos padrões fonotáticos do português, o nó FONOLOGIA leva automaticamente à inserção da vogal, fazendo com que esses itens recém-incorporados à língua apresentem um atualizador lexical com co-índice <sub>26</sub>, comportando-se, na MORFOSSINTAXE, do mesmo modo que o primeiro em termos de relações lexicais: ‘dentista’, ‘blogueiro’, ‘iffiano’.

## 9 Considerações finais

O artigo constitui proposta seminal e busca apresentar ao leitor um novo modelo recentemente incorporado ao conjunto de outros no âmbito da chamada Gramática de Construções (GC). Mais do que isso, procura aplicá-lo ao português, tentando dar conta de fenômenos polêmicos para os quais as soluções existentes são bastante questionadas e, no nosso entendimento, encontram guarida na Morfologia Relacional (MR).

Ao privilegiarmos o nó FONOLOGIA, procuramos demonstrar o alcance da MR na explicação de diversos fenômenos de interface com a morfologia (ou com o nó MORFOSSINTAXE): a alternância vocálica, os padrões diferenciais de

acentos, os elementos intrusivos e a haplologia. Esperamos, com isso, ter alcançado nosso objetivo principal: apresentar o modelo e aplicá-lo ao português, almejando que o artigo sirva de inspiração a novas pesquisas na área.

## Referências

- ANDERSON, S. *A-morphous morphology*. Cambridge: CUP Press, 1992.
- ANDRADE, Ernesto. Na crista da onda: o acento de palavra em português. *Actas do 70 Encontro Nacional da APL Lisboa*, 1991: 15-26.
- AUDRING, J. Mothers Or Sisters? The Encoding Of Morphological Knowledge. *Word Structure* 12(3): 274–296, 2019.
- AUDRING, Jenny; BOOIJ Geert; JACKENDOFF, Ray. *Menscheln, kibbelen, sparkle: Verbal diminutives between grammar and lexicon*. In Sander Lestrade; Bert le Bruyn (eds.) *Linguistics in the Netherlands*. Amsterdam: Benjamins, 2017.
- BASILIO, M. Morfológica e Castilhamente: um Estudo das Construções X-mente no Português do Brasil. *DELTA*, V. 14, N. 13, p. 55-76, 1998.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 35<sup>a</sup>. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 22, p. 69 –80. Campinas: UNICAMP, 1992.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. Londres: Cox & Wyman, 1976 [1933].
- BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. DRESSLER et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 109-131, 2005.
- BOOIJ, G. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (eds.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, pp. 34-44, 2007.
- BOOIJ, G. Construction Morphology. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. T. (eds.). *The Cambridge Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, G. Morphology in construction grammar. In: HOFFMANN, T. and TROUSDALE, G. (org.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, p. 255-273, 2013.

BOOIJ, G; AUDRING, J. Category change in Construction Morphology. In Evie Coussé, Kristel van Goethem, Muriel Norde, and Gudrun Vanderbauwhede (Eds.). *Category change from a constructional perspective*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, 209-228, 2017.

BOOIJ, G.; AUDRING, J. Construction Morphology and the Parallel Architecture of grammar, *Cognitive Science* 41 (S2) (2017), 277-302. Booij Audring 2015 CxM and PA final version. Version of Record online : 24 NOV 2015, DOI: 10.1111/cogs.12323.

BOOIJ, G.; AUDRING, J. Partial motivation, multiple motivation: the role of output schemas in morphology. In Geert Booij (ed.). *The construction of words. Advances in Construction Morphology*. Studies in Morphology, 4. Cham: Springer, 59-80, 2018.

BOOIJ, G.; MASINI, F. The role of second order schemas in the construction of complex words. In Laurie Bauer, Livia Kórtvélyessy and Pavol Štekauer (eds.) *Semantics of complex words*. Springer, 47-66, 2015.

BYBEE, Joan. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: Benjamins, 1985.

BYBEE, Joan. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP, 2010.

CÂMARA Jr. J. Mattoso. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

CARVALHO, W. B. de. *Sobre pipocos e dicionárias: uma análise construcionista e relativista da flexão de gênero*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. MIT Press, 1995.

CLEMENTS, N.; HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Org.). *The handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995

COLLISCHONN, G. O acento em português. In: Leda Bisol (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, v. , p. 135-169.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. A. Representações múltiplas e organização do componente linguístico. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 147-177, jul. 2004.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. Construction Grammar. In: D. Geeraerts / H. Cuyekens (Eds). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford / New York, Oxford University Press, p. 463-508, 2007.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2004.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2017.

FREITAS, H. R. *Princípios de morfologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1979.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. V. *Introdução à morfologia construcional*: São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia Relacional: introdução e aplicação ao português*. Campinas: Pontes, 2021.

HASPELMATH, M. *Understanding morphology*. London: Arnold, 2002.

HERCULANO DE CARVALHO, José G. *Teoria da Linguagem, Natureza do Fenômeno Linguístico e análise das línguas*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1983.

HOCKETT, C. Two models of grammatical description. *Word*, 10 (1): 210-234 [= Readings in Linguistics, vol. I, pp. 386-399], 1954.

HOFFMAN, T.,; TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language* 51, pp. 639-671, 1975.

JACKENDOFF, R. *Foundations of language*. Brain, meaning, grammar, evolution. Oxford: Oxford University Press, 2002.

JACKENDOFF, R. Compounding in the Parallel Architecture and Conceptual Semantics. In: Rochelle Lieber; Pavol Štekauer (Eds.). *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press, 105-28, 2009.

JACKENDOFF, R. *Meaning and the Lexicon: The Parallel Architecture 1975-2010*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Morphological schemas: theoretical and psycholinguistic issues. *The Mental Lexicon*. v. 11, n. 4, p. 467-493, 2016.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology in the Parallel Architecture. In: Audring J. Masini F. (Eds.) *The Oxford Handbook of Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon. Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *Relational Morphology: A Cousin of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

KEHDI, V. Morfemas do português. São Paulo: Ática, 1989.

KEHDI, V. O problema do infixo em português. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 3, p. 191-196, 1999.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

NASCIMENTO, M. J. R. do. *Repensando as vogais temáticas nominais a partir da gramática das construções*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

OLIVEIRA, Patrícia Affonso de. *A recomposição com os afixoides de primeira posição: um continuum morfológico*. Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

PIRES, José Augusto de Oliveira. Uma abordagem construcional dos splinters não nativos no português do Brasil. Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

RIO-TORTO, G. . Classes sufixais em inglês e em português : fundamentos e repercussões. *Linguística (Porto)*, v. 5, p. 113-144, 2012.

RODRIGUES, A. S. *Jackendoff e a arquitetura paralela: apresentação e discussão de um modelo de linguagem*. Munique: Lincom, 2012.

SCALISE, S. *et alii*. Exocentricidade na composição. *Gengo Kenkyu* 135, p. 49-84, 2009.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ULLMAN, M. T. The declarative/procedural model: A neurobiologically motivated theory of first and second language. In: Van Patten, B, Williams, J (eds). *Theories in second language acquisition: An introduction*. 2nd edition. New York: Routledge, pp. 135-158, 2015.

VILLALVA, A. *Configurações não-binárias em morfologia*. Comunicação apresentada no X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, 1994. Disponível em: [www.clul.ul.pt/files/alina\\_villalva/1994Evora\\_configuracoes\\_ao\\_binarias.pdf](http://www.clul.ul.pt/files/alina_villalva/1994Evora_configuracoes_ao_binarias.pdf), 1994.

WETZELS, W. Leo. Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 21 (1), 1991.

WETZELS, W. L. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.23, p.19-55, jul./dez. 1992.

ZANOTTO, N. *Estrutura Mórfrica da Língua Portuguesa*. EDUCS, Caxias do Sul, 1986.

[Artigo recebido em 25 de janeiro de 2023 e aceito em 12 de junho de 2023].